



O PINTOR-ARQUITETO, COM AQUELA IMPETUOSIDADE TURBILHONANTE QUE DEUS LHE DEU, CHEFIA A REBELIAO DOS "DESCCLASSIFICADOS".

12 KM DE BRIGA

FRANCISCO Matarazzo Sobrinho tomava uísque, sossegado e à sua maneira (com colherinha), no bar do Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando os "desclassificados" estouraram ali. Fazia poucas horas que o júri da IV Bienal publicara seu relatório, indicando a sobras selecionadas para a grande exposição internacional, a realizar-se em setembro. Apenas 59 dos 1.800 artistas brasileiros inscritos haviam sido admitidos. Foi o início da mais extraordinária rebelião que já agitou São Paulo. O grupo de "desclassificados", constituído por umas 15 pessoas, era liderado pelo pintor Flávio de Carvalho, famoso criador do "new-look" masculino. Da porta mesmo, convidaram Matarazzo a explicar-se.

— Isso é uma molecagem estética — vociferava Flávio.

Francisco (Cicilo) Matarazzo fez a cara mais triste do mundo. Nos seus 15 anos de mecenas, talvez não lhe tenha passado jamais pela cabeça viver semelhante situação. Industrial, criou o Museu quase como

Reportagem de DANIEL LINGUANOI TO
Fotos de JACK PIRES



CICILO EXPLICA: NÃO ENTENDE DE ARTE E, POR ISSO, ENTREGOU A ESPECIALISTAS O ASSUNTO BIENAL. O QUE NÃO PODE, NEM FARÁ, É DESAUTORAR O SEU JÚRI

TE É O PLÁCIDO AMBIENTE EM QUE GENTE DO MUNDO INTEIRO VERÁ A IV BIENAL DE ARTE MODERNA. NOS SEUS SUBTERRÂNEOS (QUE NÃO HÁ) AS PAIXÕES SE DESENCADAIAM E SE ENTRECHOCAM. SÃO DUAS LÉGUAS DE TELA E BRIGA



"hobby" e investiu nêle milhões. Por sua inspiração, organizaram-se depois as Bienais paulistas. Entregou ambas as entidades a especialistas e, embora continue como presidente das duas, funciona apenas como espectador. Hoje, a Bienal representa, para os pintores, escultores, gravadores e desenhistas de todo o mundo, guardadas as proporções, algo tão importante quanto o Prêmio Nobel para os escritores, cientistas e estadistas, uma vez que os diplomas ali conferidos significam consagração e dinheiro. Os prêmios atingem importâncias superiores a Cr\$ 2 milhões, e à mostra concorrem representantes de 42 países. Em termos esportivos, a Bienal é uma autêntica Olimpíada artística.

Agora mesmo, no imponente Palácio das Indústrias, no Parque Ibirapuera, já se alinham 12 quilômetros de telas. França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Bélgica, Estados Unidos, todo o mundo civilizado, enfim, manda os seus melhores artistas. Nomes como os de Picasso, Leger, Rousseau, Chagal, Morandi, Paul Klee, Rivera, Siqueiros — orgulhos dos grandes museus internacionais — passam por ali, atraindo milhares de pessoas de alta categoria.

Assim, ninguém quer ficar de fora. Sobretudo, porque é uma oportunidade artística e mundana que só acontece uma vez em cada dois anos. Os 1.741 "desclassificados" não se conformaram com a decisão do júri e deflagraram uma crise sem precedentes na IV Bienal de Arte Moderna.